

ETNOMÍDIA: CONTRA- NARRATIVAS INDÍGENAS NAS REDES DIGITAIS

[ARTIGO]

André Luis Campanha Demarchi

Universidade Federal do Tocantins

Débora dos Santos Gomes

Universidade Federal do Tocantins

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

O objetivo deste artigo é compreender como são construídas as contranarrativas da Rádio Yandê, a primeira web rádio indígena do Brasil. Entende-se por etnomídia uma ferramenta adotada por diferentes grupos étnicos, como indígenas, quilombolas, caiçaras e romanis, que se autorrepresentam por meio da convergência de mídias. As análises foram realizadas a partir do Facebook do grupo. Aderiu-se ao método da netnografia, ao se investigar a atuação dos comunicadores indígenas na internet, bem como a construção dos discursos acerca de suas culturas e etnias. Nos resultados, observou-se que as inserções indígenas nas redes digitais contribuem para a construção de contranarrativas produzidas pelos povos indígenas, uma vez que são discutidas temáticas que em sua grande maioria não têm a mesma visibilidade nas mídias tradicionais.

Palavras-chave: Etnomídia. Contranarrativa. Rádio Yandê.

The aim of this article is to understand how the counter-narratives of Rádio Yandê, the first indigenous web radio in Brazil, are constructed. Ethnomedia is understood as a tool adopted by different ethnic groups, such as indigenous, quilombola, caiçaras, romanis, among others, who represent themselves with the convergence of media. The analyzes were carried out from the group's Facebook. The netnography method was adhered to, as it investigated the performance of indigenous communicators on the internet, as well as the construction of discourses about their cultures and ethnicities. In the results, it was observed that indigenous insertions in digital networks contribute to construct counter-narratives produced by indigenous peoples, since themes are discussed that, for the most part, do not have the same visibility in traditional media.

Keywords: Ethnomedia. Counter-narrative. Radio Yandê.

El objetivo de este artículo es comprender cómo se construyen las contranarrativas de la Radio Yandê, la primera radio indígena en internet en Brasil. La etnomedia se caracteriza por ser una herramienta adoptada por diferentes grupos étnicos, como los indígenas, quilombolas, caiçaras y romaníes, que se representan a sí mismos a través de la convergencia de medios. Los análisis se realizaron desde el Facebook del grupo. Se siguió el método de la netnografía, ya que se investigó la actuación de los comunicadores indígenas en internet, así como la construcción de discursos sobre sus culturas y etnias. En los resultados se observó que las inserciones indígenas en las redes digitales contribuyen a la construcción de contrarrelatos producidos por los pueblos indígenas, ya que se abordan temas que, en su mayoría, no tienen la misma visibilidad en los medios tradicionales.

Palabras clave: Etnomedia. Contranarrativa. Radio Yandê.

Introdução

Com a popularização da internet e o surgimento de novas mídias digitais a partir do século XX, percebe-se que muitos grupos excluídos socialmente tiveram a oportunidade de construir seus próprios discursos. Castells (2010) aponta que a internet está revolucionando a comunicação devido a capacidade de fazer com que a grande mídia entre em curto circuito.

Nesse sentido, vários grupos étnicos passaram a utilizar o acesso à internet para se autorrepresentar e lutar por seus direitos, como as populações indígenas, que cada vez mais vêm se inserindo em diferentes meios digitais com o intuito de criar contranarrativas sobre si, “[...] entendidas aqui como uma forma de insurgência a essa cascata de imagens negativas coladas aos povos indígenas nesses quinhentos e vinte anos de colonização” (DEMARCHI, 2020, p. 66).

É evidente que as etnias indígenas representam uma parte significativa da população brasileira. Segundo o pesquisador Gersem Luciano, estima-se que durante a colonização portuguesa cerca de cinco milhões de indígenas habitavam o país. “Hoje, essa população está reduzida a pouco mais de 700 mil índios em todo Brasil, segundo dados de 2001 do IBGE” (LUCIANO, 2006, p. 27), mas apesar dessa representatividade, é comum observar a disseminação de estereótipos acerca de suas culturas, culminando, assim, em uma imagem carregada do olhar etnocêntrico (BATISTA; SILVA; SIMAS, 2015); (DEMARCHI; MORAIS, 2015). Além disso, como as mídias muitas vezes tendem a reproduzir esses estereótipos presentes

nas sociedades brasileiras, as informações sobre os povos indígenas acabam tendo pouca visibilidade nos meios de comunicação de massa, e, quando ocorrem, tendem a ser notícias sem profundidade.

Charaudeau (2007) acredita que pelo fato das notícias não se tratarem do “espelho do real”, é comum que os jornalistas se utilizem de subjetividades para a construção das matérias, tratando muitas vezes determinadas fontes como “heróis” ou “vilões”, e, no caso dos indígenas, como “coadjuvantes” de suas próprias narrativas.

Nesse sentido “[...] o discurso midiático – que deveria ser o terreno da crítica à ordem vigente para romper com o consenso que não seja resultado de debate público – se transformou em um reforço da ideologia dominante, e, assim, da permanência da exclusão de minorias” (MELO, 2008, p. 2).

Nesse cenário de falta de conhecimento e de silenciamento, os povos indígenas começaram a construir e produzir as etnomídias, voltadas para atender as suas demandas específicas e dar visibilidade a suas causas. A jornalista Renata Tupinambá (2016) acredita que as etnomídias constroem discursos contra-hegemônicos, visto que as populações indígenas expressam suas identidades étnicas e fogem da perspectiva ocidental.

É importante destacar que as etnomídias podem ser usadas por qualquer grupo étnico, mas para fins de desenvolvimento deste artigo, o termo será voltado especificamente para as populações indígenas, dessa forma, será citado como “etnomídia indígena” e/ou “práticas etnomidiáticas”.

Diante dessas perspectivas, este artigo objetiva compreender como as etnomídias contribuem para a representatividade das populações indígenas nas redes digitais. Para isso, será utilizado como objeto de estudo o Facebook da Rádio Yandê, devido sua visibilidade nas mídias digitais. A Rádio Yandê foi criada em 2013 como a primeira web rádio indígena do Brasil e representa um dos principais meios de comunicação voltado aos povos indígenas.

Ressalta-se que para a realização das análises empregou-se o método da netnografia. Nos resultados, observou-se que a Rádio Yandê contribui para a construção de contranarrativas, uma vez que são discutidas temáticas que em sua grande maioria não têm a mesma visibilidade nas mídias tradicionais.

O texto está dividido em cinco seções. A primeira destaca a metodologia do trabalho; a segunda aborda o protagonismo dos povos indígenas; a terceira traz definições sobre a etnomídia indígena, bem como as contranarrativas; a quarta aborda sobre a história da Rádio Yandê; e, por fim, a quinta apresenta as análises das contranarrativas dos indígenas no Facebook da Yandê.

Metodologia de pesquisa

Para analisar os dados empregou-se o método da netnografia que, “[...] como o próprio termo sugere, é uma adaptação da pesquisa etnográfica que leva em conta as características dos ambientes digitais e da

comunicação mediada por computador” (CORRÊA; ROZADOS, 2017, p. 2).

Nesse sentido, a netnografia é um método que busca compreender os fenômenos culturais e as singularidades que permeiam a interação humana nesse ambiente virtual. Campanella e Barros (2016) enfatizam que esse tipo de método dá ao etnógrafo novas possibilidades de investigação sobre as culturas.

A internet, na atualidade, é um fenômeno incorporado, corporificado e cotidiano. Isso apresenta desafios metodológicos significativos para um etnógrafo que deseja descobrir o significado de determinado aspecto da internet para um grupo específico de pessoas. Podemos começar com um foco particular ou uma questão intrigante em mente, mas a imprevisibilidade e caráter escorregadio dessa internet incorporada, corporificada e cotidiana torna muito difícil resolver onde ir para encontrar as respostas e como trazer questões interessantes à luz (CAMPANELLA; BARROS, 2016, p. 17).

Observa-se que a netnografia não se apresenta como um tipo de proposta metodológica inovadora, mas uma forma de apropriação do método etnográfico tradicional, seguindo as características que se apresentam no ambiente digital.

O livro *Netnografia, realizando pesquisa etnográfica online*, do pesquisador Robert V. Kozinets, apresenta ao leitor um conjunto de diretrizes metodológicas para a realização da netnografia. O autor aborda desde as definições até o planejamento e os métodos utilizados para a realização de pesquisas netnográficas consistentes.

De acordo com Kozinets (2014), a netnografia é apropriada para o estudo tanto de comunidades virtuais quanto de comunidades e culturas que manifestam interações sociais importantes virtualmente. Além disso, o autor ressalta que o pesquisador deve reconhecer a relevância que a tecnologia representa para as populações.

O uso do termo netnografia, nesse caso, representaria a tentativa do pesquisador de reconhecer a importância das comunicações mediadas por computador nas vidas dos membros da cultura, de incluir em suas estratégias de coleta de dados a triangulação entre diversas fontes online e offline de compreensão cultural [...] (KOZINETS, 2014, p. 62).

Ainda de acordo com o autor, o acesso à rede pode permitir aos membros da cultura um lugar seguro para difundir seus discursos, sem precisar do contato humano, além disso, há mais possibilidades de alcançar um público maior.

A interação social virtual é um híbrido público-privado sem igual que oferece aos participantes a sedução de ser o centro das atenções perante uma “audiência” sem deixar os limites seguros de seu próprio lar. As oportunidades são abundantes não apenas para divulgar suas próprias informações privadas, mas também para participar publicamente nas informações privadas dos outros. Esse novo nível de voyeurismo e exibicionismo é significativamente diferente de qualquer coisa que um etnógrafo face a face

encontraria. A acessibilidade é, portanto, outra diferença fundamental com a qual a abordagem netnográfica deve estar sintonizada (KOZINETS, 2014, p. 71-72).

Ferraz e Alves (2017) complementam que os procedimentos comumente adotados para quem vai utilizar esse tipo de método são a coleta de dados, observação participante e entrevistas virtuais, contudo, vai depender muito do que o pesquisador se propõe a investigar.

Desse modo, e levando essas questões em consideração, a netnografia é empregada neste artigo como uma ferramenta metodológica para compreender como os indígenas utilizam da Rádio Yandê para construir contranarrativas ao que é publicado nas mídias tradicionais.

A netnografia foi realizada no Facebook da Rádio Yandê, delimitando como corpus especificamente as transmissões ao vivo (lives) realizadas durante o Abril Indígena, em 2020. A data é simbólica para as populações indígenas que, por conta da pandemia, causada pelo Coronavírus, deixaram de ir às ruas e realizaram uma série de transmissões ao vivo com o intuito de debater as questões indígenas. No total foram realizadas 31 transmissões durante todo o mês de abril, mas para este estudo foram analisadas quatro lives com a temática “identidade dos povos indígenas”. A Tabela 1 apresenta o corpus da investigação com a data da realização das lives, nome, participantes, duração e alcance da live na rede social.

[Tabela 1]
Corpus da Investigação

Data	Nome da live	Participantes	Duração	Alcance
2/4/2020	Identities indígenas, o racismo e preconceito que enfrentamos	Felipe Tuxá, Lais Maxacali e apresentação de Daiara Tukano	1h6min4s.	171 comentários, 84 compartilhamentos e 282 reações
5/4/2020	A década da arte indígena contemporânea	Jaider Esbell, Denilson Baniwa, Juao Nyn, Cris, Cris Kure e apresentação de Daiara Tukano	1h5min51s	377 comentários e 211 compartilhamentos
12/4/2020	Música Indígena: #YbyFestivalLive	Ian Wapichana, Gean Ramos Pankarau, Kae Guajajara, Brisa Flow, Renata Machado e apresentação de Daiara Tukano	2h8min7s	504 comentários e 133 compartilhamentos
13/4/2020	Línguas indígenas	Nanblá Gaskran, Ricardo Tupiniquim, Hugo Fulni-ô, Altaci Kokama e apresentação de Daiara Tukano	1h26min	179 comentários e 92 compartilhamentos

Fonte: Elaboração própria.

Protagonismo dos povos indígenas nas redes digitais

É inegável que o contato com a cultura ocidental desde a colonização trouxe mudanças significativas na rotina dos povos indígenas de todo território brasileiro, principalmente com a evolução tecnológica no século XX. Assim, cada vez mais esses grupos passaram a fazer uso de TVs, celulares, computadores, em um processo que o antropólogo Marshal Sahlins (1997) denominou indigenização da modernidade, que consiste no processo de apropriação pelos povos indígenas e para seus próprios fins, dos diferentes recursos, técnicas, mercadorias e conhecimentos presentes nas sociedades modernas capitalistas, dentre eles os aparatos tecnológicos de comunicação e reprodução de imagens.

Ressalta-se que o uso e a apropriação das tecnologias nas comunidades indígenas tornaram-se essenciais para a defesa de seus direitos garantidos na Constituição de 1988, visto que ainda há muitos imaginários construídos de forma estereotipada sobre as populações indígenas.

Longe de ser mero hobby, o uso da internet nas comunidades passou a ser um objeto de luta, uma ferramenta para competir com os meios de comunicação, para unir povos de vários lugares do Brasil e do mundo. As redes sociais, blogs e portais passaram a ser um movimento social em prol das comunidades indígenas (SANTOS, 2002, p. 5).

Para Neves (2015), esses grupos sociais têm em suas mãos a ferramenta que lhes dá a chance de lutar contra os poderes constituídos, oferecendo-lhes sua resistência que

deixa de ser solitária ao se unir a milhares de outras vozes com o mesmo propósito. Essa mudança só foi possível com a inclusão digital, pois permitiu que o indivíduo se “emancipasse” dos poderes hegemônicos e construísse seus próprios discursos.

Não existe uma data específica de quando os indígenas se tornaram usuários das redes digitais no Brasil, mas alguns estudos da área apontam que em 2012 houve uma participação mais massiva dos movimentos indígenas na internet por conta de uma sentença da Justiça que favorecia os fazendeiros da região de Dourados, situada no estado de Mato Grosso do Sul, e determinava a saída de 170 indígenas da etnia Guarani-Kaiowá que estavam situados no acampamento Pyelito Kue/Mbarakay, na Fazenda Cambará, em Iguatemi.

Desse modo, houve uma movimentação contra a liminar, principalmente depois da divulgação da carta em que os indígenas estariam dispostos a se suicidar coletivamente em protesto. “Moramos na margem do Rio Hovy há mais de um ano e estamos sem nenhuma assistência, isolados, cercados de pistoleiros e resistimos até hoje. [...] Passamos tudo isso para recuperar o nosso território antigo [...]. Visto que decidimos integralmente a não sairmos daqui com vida e nem mortos”, afirmam lideranças.

Diante da repercussão, setenta lideranças indígenas do Mato Grosso do Sul foram a Brasília para entregar às autoridades mais de 20 mil assinaturas do abaixo-assinado “Eu apoio a causa indígena”. Além disso, os protestos tomaram conta das redes sociais, principalmente no Facebook, visto que milhares de usuários passaram a acrescentar “Guarani-Kaiowá”

ao primeiro nome em seus respectivos perfis para mostrar apoio aos indígenas da região de Dourados.

Já no Twitter, as hashtags #SouGuaraniKaiowa e #SomosTodosGuaraniKaiowa tiveram ampla repercussão entre os apoiadores da causa. A dissertação *Protagonismo guarani-kaiowá no ciberespaço: em busca da auto-representação*, da autora Erica Neves, publicada em 2015, trouxe alguns apontamentos sobre os efeitos da presença indígena na internet, e como essas ferramentas auxiliam na defesa das causas indígenas:

[...] Os Guaranis-Kaiowás descobriram na rede uma possibilidade de diálogo com outros indígenas e com brasileiros não indígenas que só se vale do ciberespaço como local de mediação. A partir desta descoberta eles têm apostado em um uso massivo do ciberespaço como plataforma de sua agenda de lutas, espaço de denúncia e desabafo. Não obstante, além do desejo de auto-representação o que se atesta é uma busca estratégica pela visibilidade. E aqui, não me refiro à visibilidade midiática, mas à visibilidade pública que não mais é controlada apenas pela mídia tradicional (NEVES, 2015, p. 93).

Com o passar do tempo, os indígenas foram se inserindo nas redes digitais para lutar pela defesa de seus direitos.

O grande marco da “descolonização” e protagonismo indígena na mídia no Brasil foi o surgimento do “Programa de Índio”, transmitido pela Rádio USP e apresentado por Ailton Krenak, Álvaro Tukano, dentre outras lideranças. A produção radiofônica semanal foi criada em 1985 e informava

sobre o cotidiano e expectativa de vida dos indígenas, além de músicas, rituais, celebrações etc.

O artigo “Programa de Índio: criando uma ponte sonora entre as culturas”, da jornalista Ângela Pappiane, elucida sobre como foi criado o programa radiofônico:

Três homens, de etnias diferentes, com cara, jeito, língua-materna, corte de cabelo, pensamento diferentes, entram no pequeno estúdio e, frente aos microfones, falam... Do outro lado do vidro, num gravador de rolo, suas palavras são capturadas e magnetizadas. Seu pensamento, assim transformado, retido e dispersado depois nas ondas sonoras, desafia o tempo e as distâncias. Magia do homem branco! Os três homens que se lançaram a essa aventura sabiam muito bem o que estavam fazendo. E onde queriam chegar: estabelecer contato direto com milhares de pessoas que estariam, distantes no tempo e no espaço, ouvindo suas “belas palavras” através dos receptores de rádio (PAPPIANE, 2012, p. 107-118).

O Programa de Índio foi ao ar entre 1985 e 1991; no total foram mais de 200 programas produzidos nesse período, que contava com diferentes temáticas. As participações do programa envolviam as principais lideranças indígenas da época que traziam depoimentos e entrevistas, em sua grande maioria realizadas nas comunidades ou em eventos. Além disso, o programa teve a participação de estudiosos, políticos e diferentes personalidades que debatiam sobre as temáticas indígenas.

Etnomídia indígena e a construção das contranarrativas

Gradativamente as populações indígenas vieram se unindo com o intuito de visibilizar suas causas sociais nas mídias alternativas. Após o advento da internet foi possível construir seu próprio lugar de fala dentro das redes digitais, o que permitiu a criação das etnomídias indígenas.

[...]Etnomídia é resultado da convergência de mídia e apropriação de diferentes grupos étnicos de tais mídias. Possibilita pensar e realizar a comunicação de diferentes formas, saindo do formato jornalístico tradicional. O etnojornalismo traz para os conteúdos produzidos visões de mundo dos comunicadores, suas etnias e culturas, contribuindo para a **descolonização** dos meios de comunicação (TUPINAMBÁ, 2016, grifo nosso).

De acordo com Renata Machado (2020), o termo etnomídia surgiu em 1997 com o incentivo do grupo de pesquisa “Etnomídia: pesquisa em mídia e etnicidades”, pertencente à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), para discutir os impactos das mídias sobre os povos indígenas. Contudo, ganhou impulso quando o comunicador Anápuaka Muniz Tupinambá criou, em 2007, a Web Rádio Brasil Indígena.

Antes da rádio Yandê nascer [...] eu tinha desenvolvido um projeto já pensando em etnomídia indígena, que deu 150% de errado mesmo, que foi a Web Rádio Brasil Indígena [...] então a proposta era

pensar a comunicação para os povos indígenas, e não adiantava desenvolver uma comunicação se ela não tivesse um conceito, se ela não tivesse uma linguagem, não tivesse um objetivo [eu sempre falo para as pessoas que não é a tecnologia... a tecnologia é meio, é ferramenta, mas se você tiver um conceito, um objetivo para esse conceito, e que ela faça ser entendida, absorvida, utilizável por todos, faz muito mais sentido] (BANIWA, 2020).

Em uma entrevista realizada em 2017 pela Revista Usina, Denilson Baniwa destaca que o termo “etnomídia” surgiu a partir das mídias indígenas estrangeiras, mas que posteriormente vieram a utilizar no Brasil com seus próprios direcionamentos.

Etnomídia é um conceito que a gente viu muito nas mídias indígenas do Canadá e dos Estados Unidos. Como eles estão em uma discussão de comunicação muito mais avançada que a gente no Brasil, e na América Latina de forma geral. Os indígenas foram para universidade mais cedo, tiveram mais acesso à tecnologia, às informações. Mais cedo que a gente, anos à frente. E o que a gente está fazendo hoje no Brasil, que é criar algo paralelo a mídia de massa, é o que já fazem lá. E lá eles definiram isso como etnomídia. Como uma mídia que não é mastigada para a massa, mas sim para o entendimento de um grupo, de um grupo que sofre as mesmas coisas, que veem as mesmas coisas, e que anseiam pelas mesmas coisas (BANIWA, 2017).

Ressalta-se que após a iniciativa do Programa do Índio, estudiosos apontam que houve um interesse maior das populações indígenas em se envolver em projetos que

tinham como objetivo a defesa de suas causas, a exemplo disso, o Portal Índios Online que foi criado no ano de 2004 e se estabeleceu como uma rede de diálogo intercultural. O portal teve a gestão compartilhada entre quatro povos indígenas, totalizando cinco gestores: Alex Makuxi, de Roraima, Patrícia Pankararu, de Pernambuco, Nhenety Kariri-Xocó, de Alagoas, e Fábio Titiah e Yonana Pataxo há há há da Bahia.

De modo geral, pode-se compreender as etnomídias indígenas como uma ferramenta na produção de contranarrativas. Conforme Demarchi (2020) aponta, as contranarrativas indígenas são uma resposta às narrativas hegemônicas, visto que tem o propósito de construir novos significados diante daqueles discursos coloniais que prevalecem na sociedade.

Assim, os indígenas se apropriam das diferentes alternativas nos meios de comunicação para manifestação de seus pensamentos e saberes, que antes pertenciam aos poderes hegemônicos. Ou seja, as “[...] contranarrativas são as formas como essas resistências são elaboradas esteticamente, discursivamente, imagetivamente propondo o reconhecimento de mundos, saberes, estéticas silenciadas, ignoradas, enfim oprimidas pelas narrativas dominantes” (DEMARCHI, 2020, p. 2).

Por sua vez, a tese de doutorado da pesquisadora Luna Loria, de 2017, com o tema “Manifestações artísticas como contranarrativas: estudos de casos das periferias do Rio de Janeiro e de Lisboa”, também traz algumas reflexões sobre esse conceito:

A contranarrativa, portanto, equivale a uma resposta contra-hegemônica,

insurgente, alternativa; apresenta-se como outra descrição e outra leitura sobre um fenômeno ou a realidade, manifestando-se como outra possibilidade discursiva e simbólica, transcendendo as narrativas dominantes e do senso comum. Desse modo, a contranarrativa revela-se como outra proposta tanto no plano teórico quanto no plano prático. O conceito de contranarrativa esteve abordado levemente (e não diretamente) nas ciências sociais e humanas, particularmente nas áreas da teoria crítica literária, nas ciências políticas, na sociologia, na educação, nos estudos feministas, pós-modernos e pós-coloniais (LORIA, 2017, p. 91).

Apesar de ser “[...] desconhecido de setores da sociedade ocidental”, esse conceito, e os processos que ele busca elucidar, são “de importância fundamental para os povos ameríndios, considerando a necessidade de refutação às notícias distorcidas e imprecisas da mídia corporativa” (SAMPAIO, 2010, p. 19).

História da Rádio Yandê

A web rádio foi criada em 11 de novembro de 2013 pelos comunicadores Anápuàka Muniz (Anápuàka Muniz Tupinambá Hã-hã-hãe), Renata Aracy Machado (Renata Tupinambá) e Denilson Monteiro (Denilson Baniwa). É importante ressaltar que a Yandê ganhou destaque por ser a primeira web rádio feita exclusivamente por indígenas e com conteúdos relacionados a seus povos e suas culturas.

A dissertação *Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê*, da autora Raquel Carneiro, publicada em 2019, traz alguns apontamentos da história de criação da rádio:

Denilson Baniwa lembra que trabalhava em uma agência de publicidade perto da praça, quando saiu mais cedo do trabalho para encontrar Anápuàka e Renata para escolherem o nome da webrádio. Além disso, precisariam de uma marca que provocasse certo impacto. Foram algumas horas de troca de ideias até a sugestão de Denilson de uma palavra em Nheengatu, uma das línguas oficiais do Alto Rio Negro, no Amazonas: Iané, que significa ‘nosso’. Logo, Anápuàka e Renata sugeriram que transpusessem a expressão para o Tupi antigo, permanecendo Yandê. Naquele mesmo dia, não apenas decidiram o nome, como Renata redigiu os textos, Anápuàka construiu o site e Denilson criou a marca da webrádio, lembrando de ter visto algo no símbolo do sinal wi-fi, porque seria ‘legal misturar a ideia do tradicional agora em modo digital’ (CARNEIRO, 2019, p. 155).

A Yandê está em diversas mídias digitais e um dos motivos dessa ascensão é por conta dos conteúdos diferenciados em cada rede digital. Ressalta-se que a popularidade da Rádio Yandê não ficou restrita apenas ao Brasil, conforme descreve a autora:

Além disso, a web rádio se intitula como um meio de comunicação independente, sendo assim não recebe recursos financeiros de nenhuma organização pública. De acordo com Bastos e Nascimento (2020), a Yandê busca contribuições de apoiadores

e patrocinadores que se identificam com os ideais da rádio, além da realização de eventos para atrair um público maior.

Nesse sentido, a Rádio Yandê se tornou um importante meio de comunicação para os indígenas de todo território brasileiro, todavia, esse movimento de “emancipação” discursiva não foi o primeiro, visto que os diversos povos indígenas buscam há algum tempo construir suas próprias narrativas acerca de si.

Ao entrar “no ar”, a Rádio Yandê começa o processo de comunicação indígena que já havia iniciado seu fortalecimento na década de 1970, com Ailton Krenak e o Programa de Índio e tantas outras iniciativas [...]. As pautas já existiam, mas não eram abordadas pela própria comunicação indígena, que restringe-se a determinadas etnias e suas comunidades e muito menos noticiadas pelos meios oligopólicos de massa. Infelizmente, ainda são discussões que necessitam ser debatidas e informadas, oriundas das décadas de 1950 à 1980, como o pensamento “tutelar” que ainda permanece em diversos âmbitos da sociedade brasileira e nas mais diversas relações, desde a universidade ao mercado de trabalho. No entanto, há uma evolução nesse cenário midiático, através do processo etnocomunicacional indígena, de não fazer uma cópia da mídia dos outros, mas de descobrir qual é sua própria mídia (CARNEIRO, 2019, p. 156).

Diante desse cenário, a Rádio Yandê se tornou uma importante difusora das contranarrativas indígenas, visto que as notícias e produção de conteúdo de modo geral desmistificam “[...] o ser indígena e conduzam seus povos para a construção de conteúdos

próprios. Sua maneira de produzir se desenvolve a partir da formação de sua própria identidade, de sua cultura e ancestralidade” (BASTOS; NASCIMENTO, 2020, p. 65).

Uma netnografia das contranarrativas da Rádio Yandê

O tema “identidade” foi bastante debatido durante o Abril Indígena. A primeira live a abordar o assunto ocorreu em 2 de abril de 2020, intitulada “Identidades Indígenas, o racismo e o preconceito que enfrentamos”, e contou com a participação da socióloga Laís Zinha, da etnia Maxacali e o antropólogo Felipe Cruz, da etnia Tuxá, sendo mediada por Daiara Tukano.

A live foi a primeira a ser discutida no Abril Indígena devido à necessidade em se compreender por que a “identidade” dos povos indígenas merecem ser reconhecidas e, acima de tudo, respeitadas pela população. Stuart Hall (2003) destaca que, para o entendimento do conceito de identidade, é preciso primeiramente examiná-la no circuito da cultura:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões quem somos nós ou de onde nós viemos, mas muito mais com as

questões quem nós podemos nos tornar, como nós temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios (HALL, 2003 p. 108-109).

Assim, a identidade é um conceito utilizado para descrever algo que é diferente dos demais, ao mesmo tempo que é idêntico a si próprio, pois além de marcar a diferença, também cria relações de pertencimento, participação, igualdade, bem como de segregação e distanciamento. Ressalta-se que o sentimento de pertencimento não pode ser a única finalidade, disposto como algo obrigatório.

Diante dessas perspectivas, os participantes do Abril Indígena abordaram o pensamento preconceituoso que muitos brasileiros têm sobre as culturas indígenas. Zinha (2020) ressalta na live que o imaginário idealizado sobre esses povos foi constituído de duas formas: a primeira é do “bom selvagem”, no qual os indígenas “aceitaram” ser dominados pelos europeus. E a segunda é do “mau selvagem”, ou seja, são os indígenas que resistiram ao processo de colonização, conforme é destacado pelo antropólogo Gersem Luciano.

Historicamente os índios têm sido objeto de múltiplas imagens e conceituações por parte dos não-índios e, em consequência, dos próprios índios, marcadas profundamente por preconceitos e ignorância. Desde a chegada dos portugueses e outros europeus que por aqui se instalaram, os habitantes nativos foram alvo de diferentes percepções e julgamentos quanto às características, aos comportamentos, às capacidades e à natureza biológica e espiritual que lhes são próprias.

Alguns religiosos europeus, por exemplo, duvidavam que os índios tivessem alma. Outros não acreditavam que os nativos pertencessem à natureza humana pois, segundo eles, os indígenas mais pareciam animais selvagens. Estas são algumas maneiras diferentes de como “os brancos” concebem a totalidade dos povos indígenas a partir da visão etnocêntrica predominante no mundo ocidental europeu (LUCIANO, p. 34, 2006).

Desse modo, percebe-se que os estereótipos sobre as populações indígenas foram apenas repassados de geração a geração, e, mesmo com o acesso facilitado à internet e outras tecnologias de informação, a sociedade ainda tem pouco conhecimento sobre os povos indígenas.

O artigo “Cinco ideias equivocadas sobre os índios”, de autoria do pesquisador José Ribamar Bessa Freire, publicado em 2002 discute alguns estereótipos bastante difundidos pela sociedade, um deles se trata sobre esse “congelamento” que muitos têm da imagem dos indígenas, associando-os sempre à imagem de “nu ou de tanga, no meio da floresta, de arco e flecha, tal como foi descrito por Pero Vaz de Caminha. E essa imagem foi congelada. Qualquer mudança nela provoca estranhamento” (FREIRE, p. 12, 2002). Daí a necessidade de os povos indígenas estarem presentes nos diferentes meios de comunicação para mostrar que suas culturas não são imutáveis.

Durante o debate na live, Felipe Cruz (2020) apontou que o ensino público no Brasil é um dos causadores da propagação desses estereótipos, visto que é difundida apenas a imagem dos indígenas

no passado e não as culturas no presente e o quanto elas resistiram para manter suas tradições.

Diante disso, os povos indígenas utilizam-se das práticas etnomidiáticas com o intuito de reafirmar suas tradições, assim “a cultura aparece aqui como a antítese de um projeto colonialista de estabilização, uma vez que os povos a utilizam não apenas para marcar sua identidade, como para retomar o controle do seu próprio destino” (SAHLINS, 1997, p. 6).

Trata-se, portanto, de uma forma de resistência, visto que durante muitos anos esses povos vêm sendo alvo de estereótipos e preconceitos por grande parte da população. Lima (2009) lembra que a identidade indígena está intimamente ligada ao protagonismo que se fortaleceu após a conquista de seus direitos na década de 1980, com a promulgação da Constituição Federal.

Nesse contexto, surge “um processo de criação de sujeitos políticos, que se organizam através da mobilização de uma série de elementos da identidade comum e de caráter localizado, em vista da conquista de novos recursos, em particular, os de natureza territorial” (LIMA, 2009, p. 237).

Por sua vez, durante a live realizada no dia 5 de abril, intitulada “A década da arte indígena contemporânea”, com a participação de Jaider Esbell, Denilson Baniwa, Juao Nyn, Cris Tupan e mediação de Daiara Tukano, a identidade é um tema debatido pelo viés da arte dos povos indígenas.

Denilson Baniwa (2020) destacou a relevância que a arte representa, uma vez

que por meio dela se pode contar histórias que descontroem a imagem que muitos têm dos povos indígenas.

Eu sei que está no hype falar de descolonização, e é uma coisa que estamos fazendo desde sempre, até o Ailton fala que se descolonizar e repensar a história, a gente já faz isso desde o primeiro dia que o primeiro europeu pisou nas areias brancas de Salvador – o que acontece é que essa galera que não está ligada na história do Brasil desconhece qualquer história que não seja inventada por eles mesmos [...]. O papel que eu entendo do artista nesse processo é o papel do artista não-indígena na condição da história mundial, eu mesmo conheço a história do Brasil pelas ilustrações do Gugentas do Debrí que estampavam o livro de história onde eu estudava no Rio Negro, mesmo que eu nunca tenha conhecido a Bahia, o Rio de Janeiro, São Paulo [...], então pensando desse jeito eu entendo que os artistas indígenas vão construir uma história que é como a minha avó falava que tem gente que não entende escutando tem gente que só entende quando você desenha, então a gente está desenhando para esse pessoal entender (BANIWA, 2020).

Desse modo, nota-se que a identidade cultural dos povos indígenas pode se manifestar de distintas formas, seja na arte, na música, na literatura, ou seja, “os povos indígenas são grupos étnicos diversos e diferenciados, da mesma forma que os povos europeus [alemão, italiano, francês, holandês] são diferentes entre si” (LUCIANO, p. 40-41, 2006).

Na figura abaixo, podemos observar os participantes utilizando adornos e artefatos pertencentes a sua cultura durante a transmissão da live, o que reforça a identidade de seus povos.

[Figura 1]
Live em comemoração à década
da arte indígena moderna



Fonte: Baniwa (2020).

Pode se observar também a valorização da identidade dos povos indígenas na live “Música Indígena: #YbyFestivalLive”, com a participação de Ian Wapichana, Gean Ramos Pankararu, Kae Guajajara, Brisa Flow e Renata Machado, e apresentação de Daiara Tukano. A transmissão teve como intuito divulgar a atuação dos indígenas que trabalham com música, bem como as dificuldades que os artistas enfrentam na cidade. Gean Ramos (2020) ressalta durante a live que cada vez mais os indígenas vêm se destacando com a qualidade musical no Brasil.

Tudo que acontece no Brasil é a partir da nossa música originária, a nossa música originária é a mãe desse país. A gente percebe em grandes artistas famosos a influência das nossas músicas, e eu acho que o que está acontecendo hoje é que nós indígenas estamos cada dia nos preparando e buscando também ocupar os espaços, independente deles serem

ofertados ou não, eu acho que a qualidade com que a gente está produzindo está cavando espaço na música popular [...] (RAMOS, 2020).

Outra live que debateu a identidade dos povos indígenas foi “Línguas Indígenas”, tendo como convidados os docentes Nanblá Gakran, Ricardo Tupiniquim, Hugo Fulni-ô e Altaci Kokama, sendo mediada por Daiara Tukano.

De acordo com o IBGE (2010), existem o total de 274 línguas indígenas no país. Contudo, os povos indígenas apenas conquistaram seus direitos linguísticos a partir da Constituição Federal de 1988. No artigo 210 diz que: “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988, Art. 210), assim, é garantido aos indígenas o uso dos seus respectivos idiomas maternos, juntamente com a língua portuguesa, na aprendizagem escolar. De modo geral, as línguas indígenas correspondem respectivamente a sua etnia, raramente ocorre uma mudança no nome, como enfatiza a autora:

No Brasil os nomes das línguas são, na maioria dos casos, os mesmos nomes atribuídos aos respectivos povos: por exemplo, o povo “Xavante” fala a língua “Xavante”. São raros os casos em que se fixou na literatura especializada ou no uso geral um nome distinto para a língua. Aqui temos o caso do povo “Fulniô”, cuja língua é “Yatê”. Existem vários povos bilíngues nos quais convivem a língua indígena e a portuguesa, mas em outros predomina o português como língua

materna das crianças (RODRIGUES, 2013, p. 10).

Ressalta-se que a língua indígena se configura como uma das características das práticas etnomidiáticas, uma vez que seus comunicadores representam determinada etnia, e, assim, buscam valorizar suas culturas nos meios de comunicação.

Diante da relevância do tema, o convidado Ricardo Tupininquim (2020) destacou na live o panorama das línguas indígenas no Brasil.

Infelizmente em 520 anos de história da invasão das terras indígenas por europeus, nós tivemos uma perda absurda, não só na quantidade de línguas, mas de culturas e de população. Segundo um cálculo aproximado do professor Aryon Rodrigues, existiam 1300 línguas no território brasileiro no momento que houve a invasão em 1500, e, hoje, dependendo muito do critério que a pessoa use a gente pode dizer que existem entre 180, 270 a 374 povos que falam línguas indígenas (TUPININQUIM, 2020).

Altaci Kokama Rubim (2020) complementou que tem uma pesquisa voltada ao fortalecimento da língua indígena na Amazônia, juntamente com outros Kokamas. No projeto é ofertada uma oficina itinerante nos municípios do Amazonas, tendo como participantes professores e a comunidade local. De modo geral, é realizada a produção de materiais didáticos tanto físico quanto digital sobre as línguas indígenas, como forma de representatividade.

A live teve como objetivo abordar sobre a importância que as línguas

maternas representam para a continuidade das culturas indígenas no Brasil, além de apontar as dificuldades em mantê-las no ensino público, uma vez que ainda prevalece a língua portuguesa.

Diante disso, durante a netnografia realizada, percebe-se que os etnocomunicadores trouxeram diferentes perspectivas que ressaltam a identidade dos povos originários, seja por meio da arte, língua ou música. Assim, as discussões que os convidados trouxeram serviram para que o público conhecesse um pouco mais sobre a cultura que envolvem os diversos povos indígenas, se configurando como uma contranarrativa ao que é publicado nos meios de comunicação de massa.

Considerações finais

Conforme evidenciado neste artigo, percebe-se que diversas populações indígenas tiveram a oportunidade de produzir contranarrativas por meio de ferramentas etnomidiáticas construídas para dar mais visibilidade ao grupo, visto que os meios de comunicação tradicionais (rádio, TV e jornais impressos), durante muitos anos foram um dos principais responsáveis em construir um imaginário carregado de preconceitos e estereótipos.

Assim, este artigo buscou compreender como as etnomídias fortalecem o protagonismo indígena nas redes digitais, possibilitando, assim, a construção de contranarrativas. Como metodologia utilizou-se a netnografia para alcançar os objetivos da

pesquisa, uma vez que a etnomídia analisada estava presente no ambiente virtual, portanto, foi necessária uma investigação de como o grupo criava contranarrativas sobre si mesmo por meio das lives.

Os resultados obtidos com o estudo evidenciaram que as etnomídias possibilitam uma nova ferramenta para que as populações indígenas valorizem suas respectivas culturas e divulguem o que acontece nos seus territórios, tornando-se uma contranarrativa ao que fica “omisso” nos grandes veículos de comunicação.

Durante o mês de abril, a Rádio Yandê debateu temas que quando são tratados em outras mídias são produzidos de forma superficial, todavia “para estes comunicadores, o que mais importa não é o volume de publicações feitas ou a quantidade de assuntos abordados, mas sim a profundidade e o respeito com que esses assuntos são tratados” (BASTOS; NASCIMENTO, 2020, p. 65).

Assim, pode-se concluir que as etnomídias indígenas são uma forma de construir e protagonizar as contranarrativas, uma vez que transcendem aquilo que conhecemos como jornalismo, trazendo à tona significados, informações e símbolos que se opõem aos estereótipos ainda presentes nas mídias convencionais.

Portanto, este artigo busca, finalmente, trazer a reflexão para que os jornalistas não-indígenas construam matérias sem reproduzir as imagens estereotipadas e preconceituosas sobre o grupo. Para isso, é necessário que as contranarrativas indígenas cheguem até as universidades e escolas, e a suas grades curriculares,

por meio de componentes que levantem tais questões e trabalhem textos, matérias, lives, enfim, etnomídias feitas por comunicadores indígenas. Esse seria um passo importante para que os formadores de opinião tenham a possibilidade de trazer (contra)narrativas com maior profundidade nas temáticas indígenas. ■

[**ANDRÉ LUIS CAMPANHA DEMARCHI**]

Docente no curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Mestrado em Sociologia e Antropologia e Doutorado em Antropologia Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
E-mail: andredemarchi@mail.uft.edu.br

[**DÉBORA DOS SANTOS GOMES**]

Jornalista. Mestra no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) da Universidade Federal do Tocantins (UFT).
Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam).
E-mail: deboradsgomes@gmail.com

Referências

BANIWA, Denilson. #AbrilIndigenalive 29. Mídias indígenas e indígenas nas mídias. **Rádio Yandê**, Rio de Janeiro, 29 abr. 2020. Facebook. Disponível em: <https://bit.ly/3Sk5RA5>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BANIWA, Denilson. Upurandú Resewara: entrevista com Denilson Baniwa. [Entrevista cedida a] Arthur Imbassahy. **Usina**, [s.l.], 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3Kw5C32>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BASTOS, Pablo Nabarrete; NASCIMENTO, Letycia Gomes. Etnocomunicação ancestral e decolonial: uma análise sobre a Webrádio Yandê. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 33, p. 62-70, 2020.

BATISTA, Daiane Nogueira; SILVA, Lucas Wilame Almeida da; SIMAS, Hellen Cristina Picanço. O outro lado do índio: representações sociais na mídia. **Revista Eletrônica Mutações**, Manaus, v. 6, n. 11, p. 141-171, 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. (org.). **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

CARNEIRO, Raquel Gomes. **Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais**: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3Kz1KhB>. Acesso em: 22 fev. 2023.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis. (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 255-287.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CORRÊA, Marcos; Vinícius, ROZADOS. A netnografia como método de pesquisa em ciência da informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 145-175, 2017.

CRUZ, Felipe. #AbrilIndigenalive 29. Identidade Indígenas, o racismo e o preconceito que enfrentamos. **Rádio Yandê**, Rio de Janeiro, 29 abr. 2020. Facebook. Disponível em: <https://bit.ly/3m0aX8z>. Acesso em: 15 mar. 2021.

DEMARCHI, André. Contranarrativas indígenas: vulnerabilidades e resistências. In: MIRANDA, Cynthia Mara; SOUZA, Maíra Evangelista; CARVALHO, Carlos Alberto; LAGE, Leandro Rodrigues. (org.). **Vulnerabilidades, narrativas e identidades**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2020.

DEMARCHI, André; MORAES, Odilon. Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve mais ser dito sobre eles. In: Silva, Reijane Pinheiro da (org.). **Povos Indígenas do Tocantins**. Palmas: Nagô, 2015. p. 31-53.

FERRAZ, Cláudia Pereira; ALVES, André Porto. **Da etnografia virtual à etnografia online**: deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 41., 2017, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: Anpocs, 2017.

FREIRE, José Ribamar Bessa. 2002. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. In: **Cenesch**: Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano, Manaus, v. 1, p. 17-33.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Unesco, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KOZINETS, Robert: **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LIMA, Carmen Lúcia Silva. As perambulações: etnicidade, memória e territorialidade indígena na Serra das Matas. In: PALITOT, Estevão Martins. (org.). **Na mata do sabiá**: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult/Museu do Ceará/Imopec, 2009. p. 233-250.

LORIA, Luana. **Manifestações artísticas como contra-narrativas**: estudos de caso das periferias do Rio de Janeiro e Lisboa. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/41hk0SH>. Acesso em: 22 fev. 2023.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje. Coleção educação para todos. Brasília, DF: Ministério de Educação; Rio: Laced/Museu Nacional, 2006.

MACHADO, Renata. #AbrilIndigenalive 29. Identidade Indígenas, o racismo e o preconceito que enfrentamos. **Rádio Yandê**, Rio de Janeiro, 29 abr. 2020. Facebook. Disponível em: <https://bit.ly/3lXln8P>. Acesso em: 15 mar. 2021.

MELO, Patrícia Bandeira. **O índio na mídia**: discurso e representação social. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2008.

NEVES, Erica Morais Ribeiro. **Protagonismo guarani-kaiowá no ciberespaço**: em busca da auto-representação. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3ZgLzd5>. Acesso em: 12 jan. 2020.

PAPPIANE, Angela. Programa de Índio: criando uma ponte sonora entre as culturas. **Revista Novos Olhares**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 107-118, 2012.

RAMOS, Jean. #AbrilIndigenalive12. Música Indígena: Yby Festival Live. **Rádio Yandê**, Rio de Janeiro, 14 abr. 2020. Facebook. Disponível em: <https://bit.ly/3Z9KGU5>. Acesso em: 20 jun. 2021.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013.

RUBIM, Altaci. #AbrilIndigenalive12. Música Indígena: Yby Festival Live. **Rádio Yandê**, Rio de Janeiro, 14 abr. 2020. Facebook. Disponível em: <https://bit.ly/3Z9KGU5>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SAHLINS, Marshall. O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção (parte I). **Manaus: Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 43-73, 1997.

SAMPAIO, Ana Paula Lívero; TARDIVO Veruska Pobikrowska. Kayapó kukrãdjã: manifestações culturais dos povos indígenas **Revista Anap Brasil**, Tupã, v. 3, n. 3, p. 11-26, 2010.

SANTOS, Katia Costa. **Construção multicultural**: reflexões sobre políticas alternativas para o ensino de língua estrangeira. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

TUPINAMBÁ, Renata. Iniciativas indígenas buscam autonomia no jornalismo. [Entrevista cedida a] Thais Seganfredo. **Nonada**, [s.l.], 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3kiPFCB>. Acesso em: 10 jan. 2020.

TUPININQUIM, Ricardo. #AbrilIndigena 14. Indígenas Antropólogos. **Rádio Yandê**, Rio de Janeiro, 14 abr. 2020. Facebook. Disponível em: <https://bit.ly/3lYcFHv>. Acesso em: 20 jun. 2021.

ZINHA, Lais. #AbrilIndigenalive 29. Identidade Indígenas, o racismo e o preconceito que enfrentamos. **Rádio Yandê**, Rio de Janeiro, 29 abr. 2020. Facebook. Disponível em: <https://bit.ly/3IpFrbn>. Acesso em: 15 mar. 2021.